

Reinterpretação semântica de verbos preposicionados à luz do princípio funcionalista da iconicidade

Semantic reinterpretation of prepositional verbs in the light of the functionalist principle of iconicity

Gabriel Zardo de Oliveira  

zardogabriel1902@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas - UFPEL

Tatiana Schwochow Pimpão  

tatianapimpao@furg.br

Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Resumo

Este trabalho investiga a queda da preposição sob o escopo dos verbos *assistir*, *obedecer* e *responder* em textos escritos por estudantes universitários. O objetivo consiste em apresentar hipóteses explicativas para a queda da preposição centradas no subprincípio da integração, vinculado ao princípio da iconicidade (Givón, 1995; 2001). Partimos da hipótese de que, quanto maior a integração semântica, maior será a integração sintática. Para este estudo, 119 os dados foram extraídos de resumos expandidos das áreas de Linguística, Letras e Artes no período de 2017 a 2022, disponíveis na página eletrônica do evento Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão, da Universidade Federal de Pelotas. Resultados encontrados apontam percentuais diferentes de queda de preposição diante dos complementos dos três verbos nos textos dos estudantes do ensino superior: 67,5% para verbo *assistir*; 52,1% para verbo *responder* e 40% para verbo *obedecer*. A despeito da prescrição normativa (Luft, 2010; Cunha; Cintra, 2001; Bechara, 2005), o uso da língua, mesmo em situações de maior monitoramento, evidencia queda da preposição, previsão já registrada em gramáticas descritivas (Perini, 2010; Bagno, 2012). Os resultados indicam atuação do subprincípio da integração em diferentes graus para os verbos em análise. Há uma maior integração para o verbo *assistir* e uma menor para o verbo *obedecer*, localizando-se, em uma posição intermediária, o verbo *responder*. Por fim, este artigo contribui com a descrição de um fenômeno de queda de preposição, considerando o princípio da iconicidade.

Palavras-chave

Regência Verbal. Funcionalismo. Iconicidade. Resumo Expandido.

Abstract

This study investigates the decline of prepositions under the scope of the verbs *assistir*, *obedecer* and *responder* in texts written by university students. The objective is to present explanatory hypotheses for the decline of prepositions centered on the subprinciple of integration, linked to the principle of iconicity (Givón, 1995; 2001). We start from the hypothesis that the greater the semantic integration, the greater the

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 30/08/2024

Aprovação do trabalho: 28/11/2024

Publicação do trabalho: 27/03/2025

 10.46230/lef.v16i3.13923

COMO CITAR

OLIVEIRA, Gabriel Zardo de; PIMPÃO, Tatiana Schwochow. Reinterpretação semântica de verbos preposicionados à luz do princípio funcionalista da iconicidade. **Revista Linguagem em Foco**, v.16, n.3, 2024. p. 313-331. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/13023>.

Distribuído sob



Verificado com

Plagius
Detector de Plágio

syntactic integration. For this study, 119 data were extracted from expanded abstracts in the areas of Linguistics, Literature and Arts from 2017 to 2022, available on the website of the Integrated Week of Innovation, Teaching, Research and Extension event, at the Federal University of Pelotas. The results found indicate different percentages of decline of prepositions before the complements of the three verbs in the texts of higher education students: 67.5% for the verb *assistir*; 52.1% for the verb *responder* and 40% for the verb *obedecer*. In despite of the normative prescription (Luft, 2010; Cunha; Cintra, 2001; Bechara, 2005), the use of the language, even in situations of greater monitoring, shows a drop in prepositions, a prediction already recorded in descriptive grammars (Perini, 2010; Bagno, 2012). The results indicate the action of the subprinciple of integration to different degrees for the verbs under analysis. There is greater integration for the verb *assistir* and lesser integration for the verb *obedecer*, with the verb *responder* being located in an intermediate position. Finally, this article contributes to the description of a phenomenon of preposition drop, considering the principle of iconicity.

Keywords

Verbal Regency. Functionalism. Iconicity. Extended Abstract.

Introdução

Manuais de gramática normativa do português, dentre eles Bechara (2005) e Cunha e Cintra (2001), direcionam suas prescrições, em geral, para organizar a língua por meio de regras categóricas, incluindo regras de regência verbal. Neste trabalho, será analisada a regência dos verbos *assistir*, *obedecer* e *responder*. Esses verbos foram selecionados a partir da minha experiência docente como monitor na disciplina de Introdução aos Estudos Gramaticais e Linguísticos durante a graduação, na qual eu tive a oportunidade de observar casos de ausência de preposição diante de objetos verbais indiretos nas produções textuais de estudantes de ensino superior. Os casos a seguir ilustram situações vivenciadas em minha então vivência docente, em que podemos observar a queda da preposição a após os verbos, respectivamente, *assistir*, *obedecer* e *responder*.

(1) Em função dessa iniciativa, um número maior de pessoas pôde ter acesso e assistir filmes de animação experimental.¹

(2) Impulsos que se concretizam obedecendo três parâmetros: treinamento corporal, treinamento energético e ações físicas concretas.

(3) No interior deste tema, buscamos responder a questão: Como a questão do gênero opera dentro do estilo de dança praticado pelos autores e como essas questões operaram em suas escolhas temáticas em seus TCCs?

De acordo com compêndios gramaticais, esses três verbos, a considerar

1 A numeração das ocorrências será reiniciada a cada seção. Os trechos retirados dos resumos expandidos respeitam a escrita dos autores.

alguns contextos, principalmente o verbo assistir no sentido de ver, apontam para a necessidade de preposição diante de seus complementos. Sendo assim, o nosso objetivo foi o de analisar, à luz do princípio funcionalista da iconicidade (Givón, 2001; Oliveira; Votre, 2009), os movimentos contrários ao uso normativo das preposições diante de complementos verbais em resumos expandidos da Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão (SIIIEPE)² – UFPEL³. Os resumos expandidos possuem um alto grau de formalidade, exigindo um monitoramento maior com relação ao uso da escrita por parte do estudante universitário, uma vez que, além de sua revisão linguística, o resumo passa pelo aval do orientador e é publicado em página vinculada à Universidade. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa concentra-se em apresentar hipóteses explicativas para a queda da preposição sob o escopo dos verbos assistir, obedecer e responder centradas no subprincípio da integração, vinculado ao princípio da iconicidade.

Assim, este trabalho inicia com a apresentação dos pressupostos teóricos no que concerne à investigação dos processos de regência verbal, partindo de gramáticas normativas e descritivas para, então, alcançar o funcionalismo linguístico (Givón, 2001), aporte teórico que especialmente respaldará a interpretação dos resultados por, dentre outras motivações, considerar o discurso multiproposicional como o *locus* da gramática e por conceber a gramática como maleável, adaptável e heterogênea. Na sequência, os procedimentos metodológicos seguidos da análise e discussão de resultados são apresentados. E a parte final do texto encerra com as conclusões.

1 Referencial teórico

Este trabalho dispõe de pressupostos teóricos que compreendem a análise de um dicionário prático de regência verbal (Luft, 2010), gramáticas normativas (Bechara, 2005; Cunha; Cintra, 2001), gramáticas descritivas (Perini, 2010; Bagno, 2012), bem como o amparo no referencial teórico do funcionalismo norte-americano contemporâneo, sobretudo no que diz respeito ao princípio de iconicidade, que pressupõe que a forma linguística tende a ser motivada pela função (Givón, 1995, 2001; Bybee, 2016).

1.1 Dicionário prático de regência verbal

2 Detalhamentos acerca dos procedimentos metodológicos podem ser consultados na segunda seção.

3 Universidade Federal de Pelotas, localizada em Pelotas/RS.

Luft (2010, p. 5) afirma que regência corresponde a “governo, comando e direção”, ou seja, *reger* significa “governar, comandar e dirigir”, portanto há uma relação de subordinação entre as palavras regentes e as palavras regidas a partir dessa definição. No caso da regência verbal, o verbo assume um papel significativo na estrutura de uma oração, uma vez que esse mesmo verbo rege todos os termos da oração. Bechara (2005, p. 209) menciona que o verbo é “a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical”.

A classificação dos verbos quanto à sua transitividade relaciona-se com o conceito de regência de Luft (2010), uma vez que esse fenômeno passa pela necessidade ou não de complementação estabelecida pela significação de nomes e verbos, sendo que a semântica dita a regência, como são os casos do verbo *assistir*, *obedecer* e *responder*. Dessa forma, os diferentes significados possíveis de um mesmo verbo, dependendo de seu complemento, explicam as possíveis alterações e variações de regência verbal. As preposições, segundo o autor, ocorrem porque possuem traços semânticos que combinam e se relacionam com os traços semânticos dos verbos que as regem. Partiremos, agora, para a descrição da transitividade dos verbos selecionados para este trabalho.

No que tange à transitividade do verbo *assistir*⁴, Luft (2010) enfatiza que tal verbo atua tanto como transitivo direto quanto transitivo indireto. Para fins deste estudo, interessa a transitividade indireta e Luft (2010, p. 79) dá o exemplo: “assistir-lhe”, no qual é possível observar que esse pronome oblíquo funciona como objeto indireto do verbo. Sob o viés dessa mesma regência, Luft (2010, p. 79) discorre da seguinte forma: “Assistir a algo, a ele(s), a ela(s) é a regência de origem, com a redundância [Prefixo a- Verbo + Preposição a]”. Assim, segundo esse dicionário de regência verbal, é necessária a presença da preposição diante do complemento desse verbo. No entanto, Luft (2010) aponta para um movimento que torna esse verbo somente transitivo direto, mesmo em situações em que a preposição é exigida, considerando a perspectiva da norma padrão.

Com relação ao verbo *obedecer*, Luft (2010, p. 380) apresenta duas definições para esse verbo: a primeira é “submeter-se à vontade de (alguém); estar sob a autoridade de (alguém); executar as instruções ou ordens de: Obedecer aos pais (Obedecer-lhes)”. E a segunda: “obedecer a algo, cumprir, executar: Obe-

4 Para gramáticos normativos, o verbo *assistir*, significando zelar, cuidar, é transitivo direto; significando ver, presenciar, configura-se como transitivo indireto.

decer a ordens” (Luft, 2010, p. 380). Em ambos os conceitos, o verbo estabelece uma relação indireta com o seu objeto, havendo a necessidade de preposição. Entretanto, Luft (2010) observa a mesma dinâmica apontada no verbo “assistir”, ou seja, a queda da preposição, tornando o verbo transitivo direto.

Por fim, o verbo *responder*, segundo Luft (2010), aparece como transitivo direto e indireto em uma mesma sentença, bem como transitivo indireto somente. Nesse último caso, corresponde a “responder a algo; responder a ele(s), a ela(s)” (Luft, 2010, p. 456) e “responder a alguém” (Luft, 2010, p. 457). Todavia, ocorre o mesmo caso dos verbos anteriores, isto é, a queda da preposição, não sendo admitida por gramáticos normativos.

Ainda que Luft (2010) discorra sobre as regências originárias em registro formal, o autor trata da mudança da regência dos verbos em seu dicionário, sobretudo os verbos mencionados neste trabalho, salientando que cada regência verbal é governada pelo seu traço semântico. Dessa forma, Luft (2010) justifica a queda da preposição *a* devido a dois fatores: repetição do *A* como prefixo do verbo e como preposição regente; e aproximação semântica do verbo *assistir* com o *ver*, *presenciar*, que não são regidos por preposição. Mesmo que Luft (2010) não mencione, o verbo *obedecer* pode apresentar queda da preposição devido à aproximação com a regência dos verbos *respeitar*, *cumprir*, *executar*. No caso do verbo *responder*, o autor prevê a queda da preposição quando o complemento é algo; quando é alguém, a previsão da queda não aparece. Portanto, tal obra pressupõe uma concepção de língua alinhada ao funcionalismo linguístico norte-americano (Givón, 2001): maleável, adaptável e suscetível a pressões cognitivas e comunicativas.

1.2 A regência verbal na perspectiva de gramáticas

Gramáticas normativas do português postulam regras específicas de regência verbal, as quais deveriam ser seguidas por qualquer indivíduo que tenha frequentado o ambiente escolar. Luft (1971, p. 124), divergindo de seu Dicionário Prático, no sentido de não apresentar casos de alteração de regência verbal, aborda o conceito de regência como “função subordinativa de termos principais (regentes) sobre termos dependentes (regidos)”. Nesse sentido, elementos linguísticos, sobretudo preposições, assumem um papel importante nesse processo, uma vez que são elas que, segundo Neves (1999, p. 18), determinam “a relação sintática entre o antecedente e o conseqüente”, assim como “os traços semânticos dos dois termos em relação e a relação semântica que entre eles se estabe-

lece”. Essa relação entre regência verbal e preposições é construída por meio do objeto indireto que, para Luft (1971), é o termo que completa verbos transitivos indiretos, visto que esse tipo de objeto é necessariamente regido de preposições.

De acordo com Bechara (2005) e Cunha e Cintra (2001), a regência é a relação entre duas palavras de uma oração que se complementam; portanto, a respeito disso, Cunha e Cintra (2001, p. 530) afirmam que “a palavra dependente denomina-se regida, e o termo a que ela se subordina, regente”. Dessa forma, os autores assumem uma postura semelhante à apresentada por Luft (1971).

Veja os exemplos dessa relação nos verbos propostos para este trabalho, começando pelo verbo *assistir*:

Uma longa tradição gramatical ensina que este verbo é transitivo indireto no sentido de “estar presente”, “presenciar”. Com tal significado, deve o objeto indireto ser encabeçado pela preposição a, e, se for expresso por pronome de 3º pessoa, exigirá a forma a ele(s) ou a ela(s), e não lhe(s).

Assim: Assisti a algumas touradas.

Não é propósito nosso descrevermos uma corrida de touros. Todos têm assistido a elas e sabem de memória o que o espetáculo oferece de notável (Cunha; Cintra, 2001, p. 534).

No que concerne ao verbo *obedecer*, Cunha e Cintra (2001, p. 541) explicam que esse verbo se fixou como transitivo indireto na língua culta moderna, dando o seguinte exemplo: “Só os lavradores, e alguns, têm obedecido a este preceito!”. O verbo *responder*, por sua vez, funciona como objeto indireto quando significa “dar resposta, dizer ou escrever em resposta” (Cunha; Cintra, 2001, p. 547). O exemplo que evidencia isso é: “O Faustino teve de responder às próprias perguntas.”. De forma semelhante a Cunha e Cintra (2001), embora sucinto, Bechara (2005) propõe uma análise categórica ao discorrer sobre a regência de cada verbo. Para tanto, o autor dispõe de uma listagem para cada verbo e nome⁵, sendo “assistir a (=presenciar)” (Bechara, 2005, p. 572) e “obedecer a” (Bechara, 2005, p. 578). Quanto ao verbo *responder*, não foi encontrada sua regência.

Sendo assim, gramáticas normativas da língua portuguesa (Luft, 1971; Cunha; Cintra, 2001; Bechara, 2005) abordam a regência verbal na direção de explicar a relação entre uma palavra regida e uma palavra regente e de trazer as relações dos verbos com as preposições, bem como indicar as classificações dos verbos no tocante a suas transitividades. A relação de termo regido com termo

5 É o caso de regência nominal.

regente nem sempre é mediada por preposição, basta considerar verbos transitivos diretos. Nesse caso, há uma relação de dependência entre o verbo e seu complemento, não mediado por preposição. Assim, a regência não implica necessariamente a presença de preposição.

Na perspectiva de gramáticas descritivas, Bagno (2012) aponta um caminho de regência verbal para o qual se deve olhar meticulosamente, especialmente nos dados da terceira seção deste trabalho, uma vez que ele afirma que há mudanças históricas na regência verbal, decorrentes de uma nova interpretação dos falantes aos significados dos verbos, atribuindo a eles novos sentidos, à semelhança de Luft (2010). Uma dessas novas interpretações recai no verbo *assistir* ao torná-lo popularmente transitivo direto pela analogia semântica com *ver* e *presenciar*, visto que o significado do verbo *assistir* se assemelha muito a esses dois verbos.

Dessa forma, é possível observar que, das gramáticas descritivas consultadas, apenas Bagno (2012) aborda e discute as mudanças concernentes à transitividade de verbos, ressaltando que pressões do uso podem alterar a transitividade verbal. Nesse caso, um verbo que antes era transitivo indireto passa agora a ser transitivo direto. Perini (2010) não aborda casos de transitividade, porém prevê a omissão da preposição em estruturas relativas. Portanto, enquanto gramáticas normativas adotam uma postura um pouco mais conservadora ao somente listar os verbos regentes relacionados aos seus termos regidos, gramáticas descritivas optam por mostrar algumas alterações no sistema de regras da língua, incluindo regras de regência verbal.

1.3 Funcionalismo linguístico

De acordo com Oliveira e Votre (2009), durante a década de 1970, nos Estados Unidos, o termo funcionalismo adquiriu destaque a partir dos trabalhos de Paul Hopper, Elizabeth Closs Traugott, Bernd Heine, Sandra Thompson, Talmy Givón, citando apenas alguns, interessados em estudar a língua a partir de situações comunicativas. As pesquisas desses autores se aproximam por conceberem a língua como interação social, em que fatores linguísticos e extralinguísticos tornam-se importantes para a compreensão de ocorrências de usos linguísticos (Oliveira; Votre, 2009). Com o desenvolvimento de novos estudos, a gramática foi fortalecendo vínculo com contextos pragmáticos-discursivos (Givón, 2001), uma vez que, para a vertente funcionalista, o estudo de estruturas linguísticas não está condicionado somente à estrutura gramatical, mas também a interações

comunicativas e a processos cognitivos, com foco nas motivações para diferentes estratégias linguísticas em variadas interações comunicativas (Givón, 1995; 2001; Bybee, 2016).

Essas condições fixam o conceito de gramática como “o conjunto das regularidades linguísticas, como o modo ritualizado ou comunitário do uso” (Oliveira; Votre, 2009, p. 99) e o de discurso como “estratégias criativas dos usuários na organização de sua produção linguística e modos individuais com que cada membro da comunidade elabora suas formas de expressão verbal” (Oliveira; Votre, 2009, p. 99), implicando uma intrínseca relação entre discurso⁶ e gramática e a motivação discursiva dos padrões gramaticais (Givón, 1995). Os padrões gramaticais surgem de mudanças trazidas pela experiência dos usuários com a língua. Essa experiência provoca a adaptação das estruturas morfológicas e sintáticas, pois os usuários definem e fixam estratégias discursivas ao utilizarem a língua, criando uma forte ligação entre discurso e gramática (Givón, 1995).

Além disso, na concepção de Givón (1995; 2001), existem duas funções primárias da linguagem humana: a representação, ou seja, o aparato cognitivo que permite ao usuário da língua representar o mundo exterior por meio de leituras, interpretações, inferências; e a comunicação, isto é, a experiência desse usuário com a língua. Esses dois processos da comunicação humana se relacionam na medida em que diferentes estruturas gramaticais manifestadas em atos comunicativos se coadunam a um processamento cognitivo (Bybee, 2016). Dessa forma, uma situação de comunicação é dividida em dois subsistemas: o sistema de representação cognitiva e o sistema de codificação comunicativa.

Diante do exposto, é importante considerar o caráter mutável/adaptável da gramática, fruto das especificidades do discurso, ao qual se molda e que o molda. Sendo assim, discurso e gramática estão relacionados de um modo íntimo, uma vez que novos padrões gramaticais emergem como estratégias discursivas dos falantes em determinados contextos comunicativos. Gramática e comunicação estão, portanto, em simbiose. Por essa razão, Dubois (1987) afirma que gramática e discurso constituem dois lados da mesma moeda.

Até este ponto, consideramos dois pontos fundamentais ao funcionalismo linguístico de vertente norte-americana: gramática e comunicação. Somado a esses dois, está a cognição. Mecanismos cognitivos operam na constituição da

6 Para Givón (2001), a palavra discurso é polissêmica: por vezes, discurso é o ato comunicativo; por vezes, é o texto, produto da interação comunicativa.

gramática, especialmente a metáfora (por comparação) e metonímia (por contiguidade). Para fins deste trabalho, centraremos atenção na metáfora. A associação metafórica do verbo *ver* com *assistir* e do verbo *respeitar* com *obedecer* pode constituir uma hipótese explicativa para a queda da preposição diante de *assistir* e de *obedecer*. Para o verbo *responder*, a expectativa parece ser de outra ordem: a preposição pode ser omitida quando complemento do verbo é algo; sendo alguém, não há previsão de queda. Nesse caso, provavelmente esteja atuando a oposição não humano x humano.

Considerando, portanto, que na orientação funcionalista a língua é maleável e caracterizada por uma dinamicidade constante resultante da criatividade dos usuários em adaptar a gramática a diversas interações comunicativas, essa teoria nos permite embasar teoricamente a análise da queda da preposição em objetos de verbos transitivos indiretos. A gramática está ao lado da comunicação e da cognição, tendo em vista que há um indivíduo que organiza, mentalmente, o mundo que interpreta. Para isso, o princípio da iconicidade, a seguir apresentado, subsidiará nossa análise.

1.4 Princípio de iconicidade

A linguística funcionalista considera que a gramática não constitui um conjunto fixo de regras, porém maleável e moldado pelo uso da língua nas situações comunicativas. Nesse sentido, em alguma medida, a estrutura linguística reflete a experiência. Em outras palavras, o plano linguístico está em sintonia com o plano conceptual. A partir dessa perspectiva, o princípio da iconicidade aparece como uma explicação para várias ocorrências linguísticas, que, segundo essa ótica:

Em um mundo ideal de 100% de iconicidade, esse argumento - semelhança estrutural com similaridade funcional - seria de fato válido (Givón, 1995, p. 106)⁷.

A partir dessa afirmação, para o princípio da iconicidade, as formas linguísticas tendem a ser motivadas pela função, logo, interações comunicativas exigem escolhas discursivas dos usuários da língua com o objetivo de obter efi-

7 “In an ideal world of 100% iconicity, this argument — structural similarity as a heuristics for functional similarity — would indeed be valid”.

cácia nesse processo. As motivações linguísticas estão ligadas diretamente a propósitos comunicativos ancorados na relação entre os participantes, uma vez que esses, ao se inserirem em uma situação discursiva, fazem escolhas linguísticas de acordo com os seus objetivos para tentarem conseguir sucesso nessa interação e, de alguma forma, atuar sobre os interlocutores.

Ancorados no princípio da iconicidade em relação aos verbos - objeto de investigação deste estudo, consideramos, também em consonância com Luft (2010), que o verbo *assistir* se apropriaria da regência do verbo *ver*, da mesma forma que o verbo *obedecer* o faz com o verbo *respeitar*, e, de forma semelhante, o verbo *responder* com *comunicar*. Nesses termos, o indivíduo interpretaria a regência do verbo *ver* no verbo *assistir*, a regência do verbo *respeitar* no verbo *obedecer* e a regência do verbo *comunicar* no verbo *responder*. E essa interpretação encontraria um correspondente formal no uso da língua mediante a queda da preposição.

Está na pressuposição do princípio da iconicidade, portanto, que a estrutura linguística revelaria como o indivíduo experiencia o mundo, revelaria propriedades conceituais da mente humana. Esse princípio subdivide-se em três: subprincípio da quantidade da informação, subprincípio do grau de integração entre os constituintes da expressão e subprincípio da ordenação dos vocábulos na oração. Para fins deste trabalho, interessa-nos o subprincípio da integração, segundo o qual conteúdos mais próximos cognitivamente estão mais integrados no plano linguístico/no plano da codificação (Givón, 1995).

Furtado da Cunha e Tavares (2016, p. 24) ilustram esse subprincípio a partir de exemplos como estes: “Ana prometeu que ele sairia. e Ana disse: Saia!”. Quanto mais integrados os eventos estão do ponto de vista cognitivo, mais integrados estarão do ponto de vista estrutural. “Em outras palavras, o subprincípio da integração correlaciona a distância linear entre expressões à distância conceptual entre as idéias que elas representam” (Furtado da Cunha; Tavares, 2016, p. 24).

Mais adiante neste trabalho, esse subprincípio será retomado como forma de apresentar uma hipótese explicativa para os resultados encontrados. Conforme será observado na seção 3, o percentual de queda da preposição *a* mostra um comportamento, em certa medida, binário: de um lado está o verbo *assistir*, com percentual mais elevado para a queda da preposição; de outro, estão os verbos *obedecer* e *responder*, com percentuais ao redor do 50% e abaixo, respectivamente. Analisaremos os resultados alcançados com base em um dos subprincípios da iconicidade: o da integração.

2 Procedimentos metodológicos

O *corpus* deste trabalho foi retirado da página eletrônica do evento SIIPE⁸ da UFPel, na qual os resumos expandidos⁹ dos trabalhos inscritos encontram-se em domínio público. Considerando a área em que o presente objeto de análise se inscreve, foi selecionada a área de Linguística, Letras e Artes como fonte de coleta. Todos os 403 resumos pertencentes a essa área, que engloba diferentes cursos, como, por exemplo, Artes Visuais, Dança, Letras, Música e Cinema, foram considerados. Com base na leitura minuciosa de todos esses resumos, foram coletadas 119 ocorrências dos três verbos, distribuídas em um total de 85 resumos. Ressaltamos que esse total inclui casos com presença e com queda de preposição.

Esses resumos correspondem ao período do ano de 2017 ao ano de 2022 e referem-se ao trabalho escrito dos estudantes, em que há um processo avaliativo constituído pelo orientador e pelo próprio estudante no período de inscrição, podendo ser reescrito antes da apresentação oral, caso haja problemas de ordem formal ou de conteúdo. A motivação para a escolha dessa área se deu pelo perfil dos cursos ligados a esse campo, uma vez que boa parte desses cursos pertence à área de linguagens, havendo, assim, uma expectativa de que haja um maior monitoramento linguístico. Todas as 119 ocorrências foram analisadas e divididas de acordo com cada verbo, a saber: *assistir*, *obedecer* e *responder*, conforme apresentado na seção a seguir.

3 Análise e discussão de resultados

Nesta seção, procederemos à análise qualitativa e quantitativa das ocorrências com base nos casos de regência verbal retirados de resumos expandidos da Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão - SIIPE - UFPel. A parte quantitativa se refere à contabilização dos casos de queda de preposição, e a análise qualitativa inclui as exemplificações desses tipos de caso. A seguir, or-

8 A Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão é um evento anual, promovido pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e se volta a dar visibilidade aos trabalhos acadêmicos no âmbito da graduação e da pós-graduação das instituições de ensino superior. Para maiores informações, consultar <https://wp.ufpel.edu.br/siipe/>.

9 Gênero textual acadêmico que inclui objetivos, metodologia, resultados e discussão, e outros detalhes esperados em um documento a ser divulgado na comunidade acadêmica. Trata-se de um documento cujas ideias possam ser entendidas no menor tempo possível.

ganizamos as ocorrências, distribuindo-as de acordo com cada verbo investigado neste trabalho e respeitando o conteúdo e grafia originais. Iniciamos com ocorrências que ilustram os casos encontrados com o verbo *assistir*. Reforçamos que mantivemos o texto original, conforme consta nos resumos expandidos.

(1) Em função dessa iniciativa, um número maior de pessoas pôde ter acesso e *assistir filmes* de animação experimental.

(2) Cresci acessando a internet e *assistindo programas* de canais alternativos da TV aberta, um compilado de videoclipes por horas seguidas.

(3) Começando por séries e filmes, a ideia é acostumar o aluno a *assistir filmes* e séries em outros idiomas, podendo deixar a legenda ou a dublagem em outra língua ou ambos.

(4) É possível ao *assistir o vídeo*, perceber que exploramos isso cenicamente por meio de um jogo de luz e sombra em que a iluminação oscila de acordo com os momentos de tensão da fala de Blanche.

(5) Ele era convidado a se sentar e *assistir um vídeo inicial* que contextualizava de forma lúdica o enredo do espetáculo.

(6) As entrevistas foram elaboradas a partir de três perguntas, seguidas de outras duas, após *assistir* com o entrevistado *um vídeo* de um solo feito e executado pelos próprios coreógrafos bailarinos.

(7) Dentre essas apresentações, seis realizaram uma abordagem inicial diferente, consistindo em uma recepção para quem iria *assistir a obra*.

(8) Tardif (2014) declara que, normalmente, os cursos de formação de professores são pautados em um modelo aplicacionista, no qual os futuros docentes primeiro *assistem as disciplinas* de aulas teóricas, em seguida vão para o estágio “aplicar” os conhecimentos apreendidos e somente ao se formar é que começam a trabalhar sozinhos.

(9) Uma das primeiras reflexões ao *assistir a performance*, tanto por meio do recurso audiovisual quanto por estar performando, é a percepção sobre o que se desenrola ao redor.

Entre as ocorrências (1) e (6), há a queda da preposição diante dos complementos verbais, contrariando os preceitos gramaticais no que diz respeito à regência do verbo *assistir*. A queda da preposição ocorre diante de nomes no plural (1-3) e de nomes no masculino (4-6). As ocorrências (7), (8) e (9) parecem indicar apenas a presença do artigo, e não da preposição.

Os casos ilustram como a prescrição da gramática normativa (Luft, 1971; Cunha; Cintra, 2001; Bechara, 2005) não encontra correspondência efetiva no uso, mesmo na escrita mais monitorada. Por sua vez, os casos apresentados estão alinhados à perspectiva de Bagno (2012), que prevê mudanças históricas na regência verbal, à semelhança da visão apresentada por Luft (2010), que admite a possibilidade de um verbo alterar sua transitividade. Na sequência, ilustramos alguns casos com o verbo *obedecer*.

(10) Impulsos que se concretizam *obedecendo três parâmetros*: treinamento corporal, treinamento energético e ações físicas concretas.

(11) Mesmo que a busca pela beleza aconteça a despeito do gênero, segundo Danto (2015) é a classe dominante que define os padrões de beleza da classe dominada, portanto, as mulheres estão fadadas a *obedecer esses ideais*, como se pode observar nas peças gráficas analisadas, até os dias de hoje.

(12) Posto isto, o sujeito-poético deve *obedecer sua mãe*, assimilando à cultura que ela o impõe.

(13) Assim, conforme Benveniste (2020), qualquer língua comportará suas características particulares que as distinguem das outras, porém, de modo nenhum isso as faz perder sua coerência, pois ainda que haja características próprias, todas as línguas agem como sistema, *obedecendo um plano específico*, sendo articuladas por um todo de relações que contêm certa formalidade.

(14) No caso do website Colab55, podemos perceber claramente como a economia colaborativa aliada à tecnologia está ajudando artistas independentes a divulgarem seu trabalho e terem uma renda, sem necessariamente *obedecer as demandas* de mercado.

Entre as ocorrências (10) e (13), não há preposição, exigida por gramáticas normativas. A ocorrência (14), à semelhança das ocorrências entre (7) e (9), parece indicar a presença do artigo definido feminino. Essas ocorrências ilustram o distanciamento do uso em relação à prescrição gramatical, mesmo em contexto de escrita mais monitorada. Assinalam, ainda, o caráter maleável da estrutura linguística e, em se tratando de regência verbal, assinalam o movimento do verbo em direção a uma nova transitividade, motivada por processos metafóricos (Luft, 2010; Bagno, 2012). Por fim, estão casos com o verbo *responder*.

(15) Com essa pesquisa buscamos *responder questões* referentes

a importância que tal projeto tem para os discentes.

(16) O método possibilita *responder questionamentos* sobre o fenômeno estudado, os quais o pesquisador não tem muito controle.

(17) O primeiro motivo que teria levado Keats a *responder Shelley* daquela forma foi o relacionamento dos dois que, sabemos através da biografia de Leigh Hunt (1850), não era de grande amizade.

(18) Ainda, os informantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e responderem um questionário com informações a respeito da sua relação com a LE.

(19) A parte teórica se dá a partir de uma pesquisa bibliográfica com o intuito de *responder os objetivos específicos* e definir os conceitos que serão base para a pesquisa, através da leitura de livros, artigos científicos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses e ainda, da assistência de documentários, palestras e vídeos pertinentes à discussão do tema.

(20) Após a coleta dos dados, organizarei o material e farei a análise, a partir de uma perspectiva interpretativa buscando *responder o problema* de pesquisa proposto neste estudo.

(21) Apesar de uma grande parte ter respondido que encontrou um local para morar com facilidade, 37,5% não encontraram (Fig. 1), o que mostra que há sim um problema a ser resolvido, pois 51% dos estudantes que *responderam a pesquisa* afirmaram dividir apartamento com outras pessoas, e depois 23,2% responderam que moram em pensionato.

(22) No interior deste tema, buscamos *responder a questão*: Como a questão do gênero opera dentro do estilo de dança praticado pelos autores e como essas questões operaram em suas escolhas temáticas em seus TCCs?

(23) No intuito de *responder a questão* tracei o seguinte objetivo geral: identificar, caso existente, elementos do espetáculo QVcMT que possivelmente estivessem relacionados à técnica do Contato Improvisação (CI).

Em (15), (16) e (17), semelhantemente aos demais casos, há a queda da preposição. Em (18), o artigo indefinido deveria vir antecedido da preposição, assim como em (19) e (20) a preposição se faz necessária de acordo com a gramática normativa. E, finalmente, (21), (22) e (23) somam-se aos demais casos em que há unicamente o artigo precedido do objeto. Essas ocorrências estão em sintonia com a análise dos verbos *assistir* e *obedecer*, por manifestarem uma transitividade distinta da prevista em gramáticas normativas (Luft, 1971; Cunha; Cintra,

2001; Bechara, 2005). Diferentemente, estão alinhadas à visão de Luft (2010) e de Bagno (2012), para quem os verbos podem apresentar um movimento em sua regência, registrado pela queda da preposição decorrente de uma reinterpretação semântica do verbo.

A seguir, a Tabela 1 exibe a totalidade de ocorrências encontradas nos resumos entre o período de 2017 a 2022, categorizadas de acordo com cada verbo e distribuídas de acordo com o percentual mais elevado.

Tabela 1 – Frequência dos verbos na amostra

Verbos	Número de ocorrências	%
responder	69	57,98%
assistir	40	33,62%
obedecer	10	8,40%
Total	119	100%

Fonte: elaborado pelos autores.

A Tabela 1 apresenta resultados relativos à frequência dos verbos na amostra controlada, que totaliza 119 ocorrências, com presença e com queda de preposição. Observa-se, a partir dos resultados exibidos, que o verbo *responder* (57,98%) mostra-se mais frequente na amostra, seguido do verbo *assistir* (33,62%). Com a frequência mais baixa está o verbo *obedecer* (8,40%), não alcançando 10% de uso na amostra. Esses resultados são importantes para a interpretação daqueles exibidos na tabela a seguir, considerando que o verbo mais frequente na amostra não necessariamente apresenta o percentual mais elevado para a queda da preposição.

Vejamos os resultados a seguir.

Tabela 2 – Casos dos três verbos com e sem preposição encontrados nos resumos

Verbos	Sem preposição	%	Com preposição	%	Total
responder	27/40	67,5%	13/40	32,5%	100%
assistir	36/69	52,17%	33/69	47,83%	100%
obedecer	04/10	40%	06/10	60%	100%
Total	67/119	56,30%	52/119	43,70%	100%

Fonte: elaborado pelos autores.

Conforme indicado na tabela 1, foram encontradas 119 ocorrências dos verbos *assistir*, *obedecer* e *responder*. Desse total, e considerando os resultados registrados na tabela 2, verifica-se a queda da preposição em 67 casos, constituindo 56,30% do total. O percentual alcançado não é elevado, porém já assinala uma queda de preposição em mais da metade dos casos, o que já é significativo, especialmente se considerarmos a obrigatoriedade do uso da preposição, reforçada em gramáticas normativas (Luft, 1071; Cunha; Cintra, 2001; Bechara, 2005). Por outro lado, o resultado de 56,30% aproxima-se das observações de Luft (2010), segundo o qual há uma tendência à queda da preposição após os verbos em análise, e do posicionamento de Bagno (2012), segundo o qual a regência pode ser afetada na história da língua.

O verbo *assistir*, embora não constitua o verbo mais recorrente na amostra, apresenta o maior percentual para a queda da preposição. Dos quarenta dados analisados, a queda da preposição ocorre em 27, representando 67,5%. Quanto ao verbo *responder*, dentre os sessenta e nove casos encontrados, em trinta e seis não há o uso da preposição, totalizando 52,17%. No que tange ao verbo *obedecer*, a queda da preposição acontece em quatro dos dez casos, configurando quarenta por cento (40%). Interpretando esses percentuais, concluímos que, na amostra controlada, o verbo *assistir* mostra-se como contexto propício à queda da preposição e o verbo *obedecer* como contexto favorável à manutenção. Já o verbo *responder* situa-se em uma faixa intermediária.

Os casos retirados dos anais do evento parecem atestar, a partir do prin-

cípio da iconicidade, uma reinterpretação da regência dos verbos em análise por parte dos indivíduos, ainda que tal reinterpretação não se mostre de forma homogênea, o que pode ser observado a partir dos percentuais diferenciados. Considerando a amostra controlada, a reinterpretação atinge primeiramente o verbo *assistir*, tendo em vista que a queda da preposição ocorre em 67,5% das ocorrências. Esse resultado pode apontar para uma modificação na relação entre forma (estrutura linguística) e função (conteúdo), na medida em que a forma (com a queda da preposição) estaria sendo afetada pela função (reinterpretação do verbo *assistir* como *ver*).

Os casos com verbos *obedecer* e *responder*, mesmo admitindo a possibilidade de uma reinterpretação semântica para, respectivamente, *respeitar* e *comunicar*, não atingem percentuais elevados: o primeiro fica abaixo dos 50% e o segundo, ao redor da faixa intermediária. Diante desse contexto, emerge o seguinte questionamento: que hipótese explicativa aventar para os percentuais mais baixos no uso desses verbos desacompanhados de preposição?

Os verbos *responder* e *obedecer* pressupõem um alvo, um destino, afinal a obediência vai ao encontro de/em direção a uma autoridade (pessoa, lei, função/cargo, regulamentação, etc.) e uma resposta vai ao encontro de/ em direção a um solicitante (pergunta, enunciado, questionamento, etc.). Esse ir ao encontro/ir em direção parece assinalar um certo distanciamento conceitual, refletido, no plano linguístico, pela presença da preposição após o verbo. Nesses termos, podemos observar duas situações bem nítidas: o ato de *responder* e de *obedecer* e, respectivamente, o alvo da resposta e o agente da obediência. Esses conteúdos estão menos próximos cognitivamente, portanto menos próximos linguisticamente.

As estruturas linguísticas evidenciam, portanto, regularidades de padrões. Há processos de domínio geral, há uma organização cognitiva intimamente relacionada a experiências vivenciadas pelos indivíduos com a língua. As experiências e o modo como o indivíduo interpreta o mundo vão moldando a gramática da língua. Nesse sentido, considerando a estrutura linguística observável, é possível aventar hipóteses explicativas e identificar padrões que regulam a gramática (Givón, 1995; 2001; Bybee, 2016).

Considerações Finais

Considerando o estudo empreendido, pode-se afirmar que o objetivo de apresentar hipóteses explicativas para a queda da preposição centradas no

subprincípio da integração, vinculado ao princípio da iconicidade (Givón, 1995; 2001) dos *assistir*, *obedecer* e *responder* foi alcançado. Assim, por meio da análise do corpus empreendida neste trabalho, com base nesse subprincípio funcionalista, a queda da preposição justifica-se pela reinterpretação semântica dos verbos em análise. O princípio funcionalista da iconicidade foi fundamental para compreender a motivação dos usos linguísticos pressionados pelo conteúdo semântico dos verbos analisados.

No entanto, os percentuais resultantes do cômputo dos casos investigados não se mostraram uniformes. Foi possível, inclusive, a partir dos resultados alcançados, destacar o verbo *assistir* como o contexto preferível para a queda da preposição (67,5%), mais integrado semântica e sintaticamente. Por sua vez, o verbo *obedecer* mostrou-se como contexto menos propenso à queda (40%), localizando-se o verbo *responder* em uma faixa mais intermediária (52,17%). Considerando que os verbos *responder* e *obedecer* compartilham a propriedade de terem um alvo, em direção ao qual se dirige uma resposta e uma obediência, a distância conceitual entre verbo e alvo reflete na distância linguística, mediante uma maior presença da preposição *a*. Nesse sentido, o subprincípio da integração emerge como uma hipótese explicativa para a interpretação dos resultados alcançados.

Referências

- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- BYBEE, J. L. **Língua, uso e cognição**. Tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DUBOIS, J. The discourse basis of ergativity. **Language**, v. 63, n. 4, p. 805-855, 1987. DOI: <https://doi.org/10.2307/415719>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/415719?origin=crossref>. Acesso em: 16 dez. 2023.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. **Funcionalismo e ensino de gramática**. 1. ed. Natal: EDUFRN, 2016.
- GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company,

1995.

GIVÓN, T. **Syntax**: an introduction. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2001.

LUFT, C. P. **Gramática resumida**. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1971.

LUFT, C. P. **Dicionário prático de regência verbal**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2010.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 1999.

OLIVEIRA, M. R. de; VOTRE, S. J. A trajetória das concepções de discurso e de gramática na perspectiva funcionalista. **Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 16, n. 24, p. 97-114, jun. 2009. DOI: 10.12957/matraga. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/matraga/article/view/27798/19919>. Acesso em: 16 dez. 2023

PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

Sobre o autor e a autora

Gabriel Zardo de Oliveira - Doutorando e Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Graduado em Letras-Português pela Universidade Federal de Pelotas; Pelotas-RS. E-mail: zardogabriel1902@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4668258755411992>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0868-7914>.

Tatiana Schwochow Pimpão - Doutora em Linguística. Professora no Instituto de Letras e Artes (ILA) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Rio Grande-RS. E-mail: tatianapimpao@furg.br. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5459141150387003>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-3734-925X>.